

Expressões Urbanas na Contemporaneidade: Aproximações com a Cibercultura¹

Andreyse PORTO²
Monalisa CONSERVA³
Vanessa TESTA⁴
Daniela RIBEIRO⁵

Faculdade Anísio Teixeira, Feira de Santana - BA

RESUMO

O presente artigo visa explorar parte da história e o desenvolvimento da arte urbana no Brasil, desde o seu surgimento até a contemporaneidade, abordando conceitos, definições e exemplos das diversas expressões urbanas encontradas diariamente nas cidades. O propósito central é abordar a importância da cibercultura e das redes sociais para o desenvolvimento das expressões artísticas e sua aceitação na atualidade, já que estas colaboram para a ampla disseminação cultural através da WEB.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões Urbanas; Arte; Cibercultura; Redes Sociais.

1. Introdução

Restringir a arte a um tipo de espaço físico não combina mais com a sociedade do século XXI. Os artistas contemporâneos buscam novos ambientes, novos públicos, formas de se expor e de expressar. Carregadas de mensagens, seja de cunho político ou social, as artes urbanas levam para as ruas não apenas beleza, mas reflexões; uma pausa na correria da rotina da cidade para poder apreciar e pensar.

O dia-a-dia urbano é carregado de estresse, pressa, tensões e pressões. Os artistas abrem uma brecha entre os caminhos de casa para o trabalho, do trabalho para o almoço, para que os indivíduos tenham a oportunidade de ver aquilo que muitas vezes julgam não ter tempo: arte. Ir a museus, galerias, exposições, depende da força de vontade e da disponibilidade das pessoas.

As ruas também dão espaço para os artistas que não conseguem estar nestes locais fechados; eles saem, muitas vezes, das próprias periferias, dos locais menos

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da FAT, email: andreyse.kescily@gmail.com

³ Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da FAT, email: monalisaconservad@gmail.com

⁴ Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da FAT, email: nessa-testa@hotmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FAT, email: danielacontato@gmail.com

favorecidos, e encontram nos muros das cidades a oportunidade de expressão que tanto procuram.

Os espaços urbanos se tornam tela para estes tipos de expressões artísticas, que muitas vezes são divulgadas em redes sociais, onde são fomentadas discussões dos mais diversos públicos e faixas etárias, éticas e sociais. Isto tudo é fruto de um processo de aceitação por parte da sociedade, que agora passa a agregar novos conceitos de arte. As intervenções antes vistas como marginalizadas ganham conceito e status. Os artistas de rua vão, aos poucos, sendo valorizados, e os movimentos culturais são cada vez mais exaltados pela mídia.

Abordar a importância da cibercultura e das redes sociais para o desenvolvimento das expressões artísticas contemporâneas é o objetivo central tratado aqui neste trabalho. Para tanto, abordamos os conceitos da arte urbana, as diversas expressões artísticas encontradas nas ruas e muros da cidade, bem como os caminhos que levaram os artistas até estas formas de intervenção. A arte urbana será analisada através da ótica da cibercultura, buscando uma caracterização de como estes movimentos estão direta e indiretamente ligados a forte cultura tecnológica vivida na contemporaneidade.

2. Expressões Urbanas

A arte urbana é uma arte contemporânea, de cunho popular, feita em espaços externos dos grandes centros urbanos, como em paredes de tuneis, viadutos, muros de casas e centros comerciais, prédios e placas de trânsito.

Assim, a arte urbana pode ser entendida como uma manifestação pública, que geralmente expressa uma ideologia e interage com o ser humano, carregada de sentido e representatividade. Esse tipo de arte é encontrada, em sua maioria, em meios urbanos através de intervenções, performances artísticas, grafite e outras representações. “Ela é transgressora já que, em certo sentido, não respeita os limites do público e do privado para se fazer expressar” (FERREIRA, 2011, p.01).

A principal proposta de arte urbana, que a difere das demais expressões artísticas é a característica de fugir do lugar comum, onde costumeiramente encontram-se as manifestações de arte, como museus, teatros, galerias, cinemas e bibliotecas. As exposições de arte urbana estão espalhadas pelas ruas, em meio a agitação do cotidiano de uma grande cidade. Os artistas utilizam temas bem diversos, porém a maioria dos

trabalhos expressam críticas sociais, representam ideologias políticas e econômicas e são pautadas na diversidade cultural e ideológica.

A estética desta linguagem é a repetição, em que a intenção é deixar a marca pessoal no maior território possível. Assim jovens constroem uma linguagem própria, com uma grafia particular, com estilos característicos, onde a escrita é altamente iconográfica e o aspecto formal e estético das letras é primordial frente ao conteúdo. (FERREIRA, Maria Alice. 2011).

O grafite é a expressão mais comum da arte de rua. A prática consiste em desenhos estilizados, feitos com sprays. São geralmente encontrados em muros e paredes de prédios. Outras técnicas também são utilizadas pelos artistas de rua, como o estêncil (técnica que utiliza o papel recortado como molde e o spray para fixar as ilustrações e desenhos nas ruas), manifestações literárias que surgem no ambiente urbano, como poemas, a “*sticker art*” (arte em adesivo) e cartazes lambe-lambe (cartazes feitos manualmente, fixados em postes, praças, edifícios).

2.1 Pichação versus Grafite

O grafite é uma expressão de arte portadora de significados. Ela cresce a partir da necessidade de falar sobre aspectos sociais, para um público abrangente, de forma clara e direta. Uma prática que contribui para construção da cidadania e chega até a diminuir a criminalidade, através da inserção de jovens no mercado de trabalho e dos valores sociais e familiares transmitidos através das ideologias que a arte representa.

Em geral, estes murais questionam a falta de sérias lideranças éticas no país e no mundo, os problemas enfrentados pela sociedade como um todo ou por grupos excluídos da sociedade, a opressão causada pela diferença de classes, a violência, a ironia de acontecimentos políticos e suas consequências, muitas vezes, vistos com muito humor e descontração (GITAHY, 1999).

O grafite e a pichação dividem opiniões no que diz respeito a legalidade e distinção. Os dois possuem a característica de desenhar e riscar muros e paredes das cidades. Porém a pichação pode ser considerada vandalismo. A distinção entre *graffiti* e pichação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela

institucionalização do *graffiti*, com os primeiros resquícios já na década de 70 (FANTI, 2013)

Segundo Lazzarin (2007) os pichadores mantêm um confronto violento com as autoridades, sem qualquer pretensão artística. Para eles o que importa é o desafio de deixar sua marca em um lugar de difícil acesso - seja pela topografia, vigilância ou proibição de acesso. Já para os grafiteiros o que importa é levar a arte até as ruas. Atualmente a maioria dos grupos de pichação está envolvida com gangues que violentas que buscam obter controle de áreas menos protegidas pelos órgãos públicos. Já, o grafite, é composto por grupos que possuem uma visão da sociedade e tentam passar isso por meio da arte, oferecendo uma reflexão, através de uma forma de manifestação mais elaborada que a pichação. Eles são executados em muros com consentimento prévio.

A descriminalização do ato de grafitar só aconteceu em 25 de março de 2011. Pela Lei nº 12.408: Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano:

Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

§ 1o Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa.

§ 2o Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.” (NR).

O túnel da Avenida Paulista, em São Paulo, é um dos pontos de grafite mais conhecidos no Brasil. As paredes são cobertas por desenhos temáticos feitos por coletivos de grafiteiros. Em 2008 um grupo de 160 artistas comemoraram 100 anos da imigração japonesa através de criações no local. O projeto foi idealizado pela produtora cultural Celina Yano e contou com a curadoria dos artistas Zeila Trevisan e Binho Ribeiro.



Desenho feito pelo grafiteiro Kbça em viaduto de Feira de Santana - BA.



Lambe-Lambe



Pichação nas ruas de Feira de Santana – BA



Pichação nas ruas de Feira de Santana – BA



Grafite na parede do Beco da Energia em Feira de Santana – BA



Grafite na parede do Beco da Energia em Feira de Santana – BA

3. Histórico das Expressões Urbanas

As expressões ou artes urbanas, que consistem em manifestações realizadas no meio urbano (ruas, avenidas, etc) existem há muito tempo. Desde a Roma Antiga os muros e paredes são utilizados também como espaço artístico, seja com a função de apenas enfeitar ou ainda manifestar repúdio contra algo. Registros de grafite também foram encontrados na França, na década de 30. Porém foi apenas nos anos 60 e 70, nos Estados Unidos, que o movimento artístico nas ruas se popularizou.

De Roma para a França, da França para os Estados Unidos, atravessando continentes e países, a arte urbana chega ao Brasil na década de 60. Nesta época de ditadura militar, as expressões urbanas tinham caráter rebelde. Os escritos e pichações em muros retratavam a insatisfação popular com o regime político do país. As paredes e muros se tornaram tela para os manifestantes indignados. Com dizeres como "Abaixo a Ditadura", a arte se torna política.

Assim, estas inscrições urbanas que surgem em meados dos anos 60, tomam uma dimensão que, em certa medida, empodera a massa juvenil, dando mais uma possibilidade de expressão, que está no limite da transgressão. Estes jovens começam a relacionar arte, política e questões sociais através destas inscrições, nas quais vão constituindo uma linguagem da rua (FERREIRA, p. 3).

Já nos anos 70 o grafite ganha força no Brasil. A arte, consolidada nos Estados Unidos, se prolifera de forma muito rápida pelas ruas das cidades brasileiras. As expressões, agora muito mais desvinculadas do viés político, tendem a ser mais lúdicas e poéticas. Logo surgem nomes como Hudinilson Júnior, Carlos Matuk, Alex Vallauri, que se destacam no cenário artístico brasileiro. Inspirados em influências norte-americanas, os artistas utilizam também referências locais para a produção de suas obras, a exemplo de personagens de gibis.

No fim da década de 70 é criado o grupo 3nós3, formado por Hudinilson Junior, Mário Ramiro e Rafael França. O coletivo tinha o objetivo de realizar intervenções urbanas em São Paulo, para chamar a atenção da população. Esta década é próspera para as artes brasileiras. Nela, Hudinilson se destaca também nas artes, nos estilos xérox e colagem, se tornando assim um dos precursores da mesma. Já Alex Vallauri cria figuras feitas em estêncil, uma espécie de fôrma. O trabalho deu tão certo que Alex foi

convidado para participar de três Bienais de Arte e também expor em galerias, junto com Calor Matuck e Waldemar Zaidler. Os três se tornaram então os primeiros a serem reconhecidos como artistas do grafite brasileiro. A partir da década de 80 a arte das ruas já possui certo reconhecimento. Com influências do hip hop dos EUA, os desenhos se modificam, e agora aderem também a formatos do tipo 3D.

Desde o seu surgimento, as artes urbanas brasileiras são bastante reconhecidas no cenário mundial. O grafite, mais especificamente, possui traços marcantes e que chamam a atenção de admiradores. Uma curiosidade interessante é que, logo no início, os materiais eram considerados caros pelos artistas, que procuravam alternativas. Eles utilizavam, por exemplo, tinta látex para grafitar, fazendo apenas o contorno de spray. Além disso, quando descobriram que as pontas dos desodorantes aerosol garantiam traços finos aos desenhos, estes passaram a ser utilizados nas latas de tinta spray. Estas artimanhas, utilizadas em grafite, técnicas de estêncil, desenhos 3D ou pichações, caracterizaram e consolidaram as artes urbanas brasileiras como uma das mais marcantes em todo o mundo. Por outro lado, existem também posições contrárias à arte urbana:

De um lado ela é reconhecida e legitimada pelas instituições sociais. Por outro, é sempre reprimida, pois ainda carrega em si o ato transgressor. Assim se dá a história da arte urbana no Brasil e em outros países. Porém temos aqui um cenário que em relação a outros lugares é tido como um tanto permissivo, talvez por esta característica a expressão brasileira desta linguagem urbana tenha se desenvolvido tanto e alcançado um grande destaque internacional (FERREIRA, 2011).

4. A Cibercultura

A comunicação nunca foi tão rápida e efetiva quanto é no século XXI. A tecnologia avança aceleradamente e a sociedade busca estar imersa em cada novidade e acompanha-la em seu desenvolvimento. O espaço físico se tornou, em escala mundial, quase inexistente no quesito comunicação. Produzir, transmitir e receber informações, compartilhar opiniões, pensamentos e costumes, tudo foi facilitado através da tecnologia.

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao

neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

As relações humanas estão mais conectadas. Os dispositivos móveis colaboram para que essa conectividade esteja presente em qualquer momento e lugar. Com o auxílio de um celular, é possível acessar e disseminar conteúdos através da internet independente do espaço físico em que o sujeito esteja inserido. Para Manuel Castells (2005, p.17) “nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que a utilizam”.

Apesar de ligar pessoas do mundo inteiro, a sociabilidade em rede foi por vezes considerada como uma forma de isolamento. Como se os indivíduos fossem separados da sociabilização “real”, ou física, para estarem conectados apenas com quem estivesse distante ao invés de quem está perto. Porém, esta hipótese encontra pesquisas contraditórias. A maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos ativos do que os não utilizadores. Além disso, quanto mais usam a Internet, mais se envolvem, simultaneamente, em interações face a face, em todos os domínios das suas vidas (CASTELLS, 2005, p.23).

O ciberespaço foi tomado pela produção de conteúdo de diferentes culturas. As redes sociais se tornaram um dos principais facilitadores desta realidade. Segundo Santos e Rossini (2014, p.85) “Com o advento da Web 2.0, as redes sociais se tornaram um espaço de encontros, desencontros, enunciações, negociações e ativismos”, desta forma, as práticas culturais são constantemente reconfiguradas pela sociedade conectada em rede.

O primeiro conceito de rede social surgiu a partir da conexão entre computadores, e depois, expandiu para os dispositivos móveis (tablets, celulares, notebooks). Santos e Rossini (2014, p. 93) afirmam ainda que as comunidades sociais passaram a se auto organizar de forma “rizomática, heterárquica e aberta, possibilitando conversas e narrativas para além do presencial”: desta forma, a sociabilização dentro do ciberespaço passa a se assemelhar cada vez mais a sociabilização exercida no “face a face”.

Para Ramalho (2010), a coletividade nas redes sociais garante às opiniões pessoais uma enorme força. Estes meios de comunicação possuem um alcance mundial

e não exigem muito esforço de quem os usa. Com apenas alguns cliques, informações são publicadas, curtidas, compartilhadas e viralizadas.

Os conteúdos virais são aqueles que, rapidamente, são compartilhados de forma massiva através das redes sociais, se tornando popularizados em um pequeno espaço de tempo. Atualmente, até mesmo o marketing adotou os virais como forma de potencializar sua atuação na internet. Ela não é apenas mais um canal; não é somente mais uma mídia de propaganda; não é só um modo de acelerar as transações. A internet é um alicerce de uma nova ordem industrial, “ela transformará o relacionamento entre clientes e fabricantes mais profundamente do que ainda é possível imaginar” (HAMEL, 1998, p. 80).

4.1. Arte e Tecnologia

A adaptação à internet e as redes sociais chegou para os mais diversos pilares da sociedade. Com as expressões artísticas, não foi diferente. A necessidade de atrair o público conforme a evolução da sociedade fez com que os artistas parassem de esperar que o público fosse até eles, para também irem até o público. Bardonnéche afirma que:

A arte deixou progressivamente o espaço secreto do templo, o espaço sagrado e coletivo da igreja, o espaço consagrado e público do museu, o espaço privado da galeria e do colecionador, pelos muros descascados da cidade, mundo do ar livre e do cotidiano que se sacraliza pelas virtudes do grafite (BARDONNÉCHE, 1997, p.195).

A arte precisou ocupar a cidade para ser vista, para ser apreciada, para passar mensagens. Porém, uma nova relação foi criada: arte e tecnologia. As novas mídias abrem espaço para todo tipo de conteúdo, os produtores podem assim, escolher o que divulgam e de que forma podem usá-las em seu benefício. Desta forma, as expressões artísticas dispõem de um espaço ilimitado com um público também ilimitado, fazendo desta uma relação esperada e na maioria das vezes, proveitosa. Para Oliveira (1997, p.218), a arte encontrou neste contexto, com toda a “parafernália das tecnologias, incorporada também como um de seus meios de expressão, convida os sujeitos, agora de todo o planeta, a fazerem parte dela e reaprenderem a interagir”.

As expressões urbanas estão nos muros, nas ruas, na cidade, bem como a sociedade urbana. Os sujeitos que formam esta sociedade não estão mais limitados ao espaço físico do local em que moram: estão também conectados através da internet e

das redes sociais. Desta forma, a cultura, os costumes, as opiniões, produções de conteúdo, tudo que é referente aos indivíduos, também está presente na web, sendo transportados todos os dias do real para o virtual.

Redes sociais como o Facebook tornaram-se espaços propícios para a divulgação e construção coletiva de intervenções urbanas. Os projetos artísticos são amplamente divulgados e passam a ser mais conhecidos através da web, atiçando a curiosidade dos internautas a visitar e conhecer diferentes trabalhos e obras expostas pelas cidades. Passando de um amigo para o outro, sendo compartilhadas e vistas através da web, as expressões urbanas ganham uma nova forma de se espalhar.

As redes sociais têm contribuído e ampliado às discussões para além do ciberespaço. A formação de comunidades para discutir temas específicos “tem se mostrado profícua quando seus recursos e potencialidades são utilizados de forma proveitosa por seus integrantes” (SANTOS; ROSSINI, 2014, p. 107).

Através das redes, ainda é possível que artistas e entusiastas se organizem para construção coletiva de conteúdo. São diversos grupos e eventos marcados através da web para intervenções com expressões urbanas em diversas cidades. O ciberespaço colabora com não apenas a socialização virtual, mas faz com que pessoas com estes interesses em comum tenham a possibilidade de os levarem para fora da internet.

Sendo assim, as expressões urbanas podem tanto utilizar a web para alcançar divulgação e visibilidade, como podem acontecer através da organizar na própria internet. O ciberespaço acaba servindo não apenas para exposição do conteúdo produzido, mas também é usado como um espaço criativo para novas ideias, construções e futuras produções. Nas redes sociais, muito se tem visto sobre artes nas ruas. Na contemporaneidade não é difícil achar nas mais diversas plataformas — Facebook, Instagram, Flickr e Twitter são as mais comuns — páginas e/ou perfis dedicados a divulgar as expressões artísticas nos espaços urbanos.

Diversos são os movimentos que encorajam as expressões urbanas. O constante crescimento e valorização das obras realizadas em locais antes inimagináveis sugere uma ruptura de padrões que acaba por modificar e atualizar o cenário artístico atual. Com temas e questões por vezes polêmicas, a sociedade desenvolve também certo pensamento crítico, o que contribui para a formação intelectual da mesma.

5. Considerações Finais

A arte urbana é uma prática muito antiga das civilizações. Ainda hoje o grafite é uma forma de expressão bastante constante nos centros urbanos. É nos muros e paredes das cidades onde se encontram os desenhos coloridos e os traços fortes característicos do grafite. Para os artistas é a forma de expressar toda a opressão que a humanidade vive e refletir a realidade das ruas e das classes menos favorecidas.

Com o tempo esse tipo de arte ganhou mais espaço e principalmente mais conhecimento por grupos de pessoas de outros status da sociedade, não atingindo apenas a uma parcela da população. Ganhou cada vez mais adeptos e conquistou em 2011 a lei que descriminaliza a grafiteagem. Parte desse reconhecimento se deve a disseminação e repercussão que esses movimentos artísticos ganharam através da internet e principalmente das redes sociais.

O ciberespaço torna possível o encontro entre a arte e o seu público, e se firma atualmente como um ambiente de reafirmação e divulgação da cultura, possibilitando o agendamento de atividades voltadas à arte urbana e fazendo com que conquistem cada vez mais reconhecimento. Portanto, concluímos que a reflexão sobre o uso das redes sociais como um espaço de inspiração, disseminação e agendamento de movimentos artísticos e culturais na modernidade possibilita uma visão ampla da importância e da influência da internet no contexto da arte, do seu desenvolvimento e aceitação. A atual força que as redes sociais exercem sobre a sociedade contribui para que as expressões artísticas, muitas vezes desvalorizadas, conquistem cada vez mais lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arte Urbana. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/arte-urbana/>>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

AUGUSTO, Leci.. **Redes sociais como espaços de representações, sociabilidades, Conhecimento e arte na pós-modernidade.** Disponível em <<http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/277.pdf>>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

ÁVILA, Bruno. **A eficácia do marketing viral como ferramenta publicitária na internet: a análise de um experimento no YouTube.** Disponível em: <

<http://www.fa7.edu.br/recursos/imagens/File/publicidade/monografia/2007/monografia-avila.pdf>>. Acesso em 17 de agosto de 2016.

CARVALHO, Milena Fanti de. **Pichação-arte é pichação?** Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

CRUZ, Adriana. (2015) **Arte Urbana**. Disponível em: <<http://www.observatorioculturaecidade.ufscar.br/narrativas-da-cidade/imagens/arte-urbana/arte-urbana/>>. Acesso em 17 de agosto de 2016.

DOMINGUES, Diana (org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: UNESP, 1997.

FERREIRA, Maria Alice. **Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea**. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 8. 2011, Guarapuava. Anais... Guarapuava: Unicentro. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011/artigos/Arte%20Urbana%20no%20Brasil%20expressoes%20da%20diversidade%20contemporanea.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LINHARES, Ronaldo; PORTO, Cristiane; FREIRE, Valéria. **Mídia e educação: espaços e (co)relações de conhecimentos**. Aracaju: EDUNIT, 2014.

LOPES, Joana Conçalves Vieira. **Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano**. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3824/1/2011_JoanaGoncalvesVieiraLopes.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

MOURA, Danila. **5 coisas que você não sabia sobre o grafite no Brasil**. Disponível em: <<http://www.freakmarket.com.br/blog/arte/5-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-o-grafite-no-brasil>>. Acesso em 16 de agosto de 2016.

PERRUSO, Marco Antonio. **A temática dos movimentos sociais urbanos no Brasil dos anos 1970/80.** Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/viewFile/1984-9222.2012v4n7p32/23293>> Acesso em 16 de agosto de 2016.

PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (orgs.). **Facebook e educação: publica, curtir, compartilhar.** Campina Grande: EDUEPB, 2014.

Presidência da República Casa Civil. Acesso em 20 de agosto de 2016. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.html>

RAMALHO, José Antônio. **Mídias Sociais na Prática.** São Paulo: Elsevier, 2010.